

A sutileza da opressão em *Emma*, de Jane Austen

The subtlety of oppression in Emma, by Jane Austen

EZEQUIEL FLÁVIO DE SOUSA

Bacharel em Comunicação Social: Jornalismo - UNIPAM

E-mail: f.sousajornalismo@gmail.com

Resumo: Este ensaio tem como objetivo discutir as formas de opressão e exclusão social presentes em *Emma*, de Jane Austen. A obra, publicada pela primeira vez em 1815, retrata como a burguesia inglesa do início do século XIX agia em benefício próprio, excluindo aqueles considerados inferiores. Outro ponto destacado neste ensaio é a maneira como os trabalhadores são pouco mencionados ao longo da narrativa. *Emma* é um ótimo exemplo de como a literatura é capaz de demonstrar a sutileza da opressão e da exclusão das classes sociais.

Palavras-chave: Jane Austen. Literatura. Opressão. Relações sociais.

Abstract: This essay aims to discuss the forms of oppression and social exclusion present in *Emma*, by Jane Austen. The book, published for the first time in 1815, portrays how the English bourgeoisie at the beginning of the 19th century acted for its own benefit, excluding those considered inferiors. Another highlight in this essay is the way workers are rarely mentioned throughout the narrative. *Emma* is a great example of how literature is able to demonstrate the subtlety of oppression and social class exclusion.

Keywords: Jane Austen. Literature. Oppression. Social relationships.

A sociedade inglesa do século XIX ficou marcada, na história da humanidade, como exemplo de opressão e exclusão das classes inferiorizadas. Para pertencer aos círculos sociais “dignos” e de “alto valor” para a época, era necessário mais que dinheiro (posses). Além de enriquecer, aqueles que buscavam ascensão social deveriam, obrigatoriamente, penetrar nos círculos nobres partindo das camadas mais baixas e, em seguida, serem aceitos pela burguesia, ou seja, comerciantes, latifundiários, barões, duques e duquesas. Os alpinistas sociais, não raro, se tornavam alvo de intrincados jogos e eram submetidos a testes de cordialidade a fim de se aferir o nível de conhecimento sobre os “bons costumes” da época. Os testes de cordialidade eram pequenas provas de etiqueta social e comportamento. Aqueles que almejavam um lugar à mesa dos nobres deveriam, no mínimo, saber manusear corretamente os talhares, perceber em quais momentos se deve ou não falar e possuir algum conhecimento em filosofia e arte.

O romance *Emma*, de Jane Austen, retrata as nuances dos movimentos de exclusão e opressão, que, muitas vezes não se manifestam claramente, mas se apresentam nas entranhas do comportamento social de um tempo. Embora a narrativa apresente elementos irônicos, não é fácil afirmar se a obra critica ou simplesmente retrata o comportamento das altas classes britânicas. Logo nas primeiras páginas do romance,

Austen descreve a heroína como uma defensora dos ideais de sociedade e da burguesia. Há importante destaque para os membros da família de Emma, “todos os consideravam superiores”. Segundo Todorov (*apud* CASTRO, 2011), as narrativas são dotadas de sentido e desempenham funções específicas e concretas. Portanto, a presença do adjetivo “superiores” marca a relevância das relações sociais no texto. Além da família, Austen confere autoridade moral e social a Emma ao descrevê-la como uma mulher dotada de rara inteligência, fortuna e beleza. Esses predicados desempenham papel controverso na narrativa. São não só fontes da superioridade moral da protagonista, mas também raiz de seu comportamento egocêntrico e manipulador. A trajetória de Emma é de resignação e arrependimento, mas o desfecho da obra a mantém dentro de seu próprio universo. A protagonista termina casada com o homem mais nobre da trama. As demais personagens se casam com personagens do mesmo nível social. A resignação se manifesta quando ela se rende ao casamento, algo que ela considerava improvável. O arrependimento decorre, no máximo, no campo da moral. Emma realmente se sente mal ao se lembrar dos males que seu comportamento inconsequente causou às pessoas a sua volta.

Emma defende os interesses de sua classe, ao fazer questão de se manter longe daqueles considerados inferiores e da classe trabalhadora. Até mesmo os “atos nobres” de Emma são, na realidade, manifestações de egoísmo e protecionismo de classe. O desfecho da história de Harriet Smith é uma evidência clara da sutileza da exclusão. Emma se aproxima da jovem Srta. Smith, após fantasiar que a moça seria de origem nobre. Desde o início da trama, Emma nunca percebeu a Srta. Smith como uma amiga de fato, mas sim como alguém que lhe seria útil, uma espécie de entretenimento.

Harriet Smith era exatamente o tipo de amiga que ela procurava – exatamente o que necessitava em sua casa. Era algo completamente diferente, um sentimento distinto e independente. A Sra. Weston era uma amiga, uma relação baseada em gratidão e estima. Harriet poderia ser amável e útil. Entretanto, não havia nada a ser feito pela Sra. Weston; já em relação a Harriet, poderia ajudá-la em tudo (AUSTEN, 2012, p. 38).

Nesse particular, é preciso compreender o que contexto no qual Jane Austen estava inserida. Booth (1980) exclui a possibilidade de anacronismo no texto da autora. O comportamento da Srta. Woodhouse é produto de seu tempo, e suas ideias “não são tão bizarras que não pudessem ter sido as duma romancista escrevendo nessa época” (BOOTH, 1980, p. 273). No entanto, os interesses da aristocracia e da burguesia estão sempre em evidência, o que desnuda a luta de classes presentes na obra. Como parte da classe dominante e detentora dos meios de produção, o comportamento natural de seus membros, ou seja, o produto de sua cultura e história, é agir em defesa dos próprios interesses.

A sociedade capitalista se caracteriza pelo fato de a burguesia ser a classe que detém a propriedade e o controle dos meios sociais de produção ou, pelo menos, a maior parte deles (a parte restante podendo ser

constituída por empresas públicas ou estar em mãos de pequenos proprietários). Esse fato é usualmente analisado pelo ângulo da exploração: de como o monopólio dos meios de produção por parte da burguesia como um todo permite que ela explore a classe trabalhadora (MIGLIOLI, 2010, p. 1).

Emma e sua família são detentores de parte dos meios de produção de Highbury, “um vilarejo grande e populoso, quase uma cidade” (AUSTEN, 2012, p.12). Nesse pequeno condado, a divisão de classes é evidente. Em seu livro, Austen praticamente, não menciona a existência da classe trabalhadora, embora se fale o tempo todo de grandes plantações e atividades comerciais diversas. A sociedade retratada na obra é a do início século XIX, que herda a noção de que nobreza e moralidade são sinônimas. Portanto, todas as relações sociais no romance de Jane Austen se pautavam, exclusivamente, pela classe social, afinal, era a garantia de relações seguras e que manteriam a nobreza das futuras gerações. Botton (2004) discorre sobre o conceito de uma sociedade que enxergava no *status* um sinônimo de moralidade:

A afirmação de que havia uma diferença entre classes e valor era difícil de contestar quando, por séculos, os cargos eram distribuídos de acordo com a linhagem e com as relações familiares e não de acordo com o talento (BOTTON, 2004, p. 75).

No desenrolar da narrativa, os personagens aristocratas revelam-se permanentemente interessados em preservar o *status* que ocupam naquela sociedade. Emma tenta incluir a Srta. Smith nesse universo requintado de Highbury, mas fracassa miseravelmente. Primeiro, a tentativa de unir a jovem órfã ao pastor da comunidade, o Sr. Elton. Jovem e ambicioso, ele tenta pertencer aos mais elevados círculos e mira na jovem mais cobiçada e digna daquela comunidade: Emma. No entanto, seus planos são frustrados no momento em que ele revela seus sentimentos para a protagonista e percebe que a Srta. Woodhouse, na realidade, tentava aproximá-lo de Harriet Smith. O jocoso é perceber como ambos terminam esse arco ofendidos: Emma por se julgar infinitamente superior, e o Sr. Elton por ter sido enganado pelo capricho de uma jovem que se tem em alta conta. A Srta. Smith é a parte mais fragilizada do conflito e sofre com a rejeição. Emma age de maneira deliberada e concorre para o sofrimento da suposta amiga. A confusão com o religioso surge logo no início da trama, quando se releva ao leitor a influência de Emma no casamento de sua antiga governanta, a Sra. Weston. Por conta desse falso protagonismo na construção da história do casal, a heroína sente-se no direito de articular novos casamentos e o faz com Harriet, tentando aproximá-la do Sr. Elton.

A postura ardilosa de Emma não começa nesse caso. Anterior ao conflito com o Sr. Elton, Robert Martin, fazendeiro e trabalhador, manifesta seu desejo de se casar com Harriet Smith. Emma repudia a união e rebaixa Martin da condição de cavalheiro – ou de homem (igual), neste caso – e convence a amiga a recusar a proposta. Os argumentos utilizados chamam a atenção. A heroína, mais uma vez, apela para o *status* como balizador moral.

— Pobre criatura! Tão carinhosa! Você exilada na fazenda Abbey Mill! Confinada à companhia de iletrados e pessoas simplórias a vida toda! Pergunto-me como um jovem rapaz teve coragem para lhe fazer tal proposta. Ele deve ter uma boa opinião de si mesmo (AUSTEN, 2012, p. 72).

A família de Robert Martin é composta por trabalhadores, embora em ascensão. Há vários momentos em que a protagonista manifesta seu repúdio ao trabalho. Para Emma e o seus não há nada mais terrível que trabalhar. Tanto é evidente que os personagens centrais nada fazem além de promover encontros intermináveis, jantares e passeios ao ar livre. O comportamento replica o modo de vida dos membros da realeza britânica. Portanto, seria inadmissível para Emma continuar amiga de Harriet se a moça tivesse de assumir o papel de esposa de um trabalhador.

Embora a Srta. Smith seja de origem desconhecida, o que, para os conceitos da época, não a tornaria superior a Robert Martin, Emma se vale de outro argumento para colocá-la em um pedestal.

Embora Harriet tivesse sua origem ocultada, o que suficientemente deporia contra ela, Emma a considera superior ao Sr. Martin por ser uma jovem bela e inteligente. O questionamento feito pela protagonista apenas ressalta uma nova distinção entre os dois: o conhecimento, que também é uma forma de poder (CASTRO, 2011, p. 16).

O conhecimento é, sem dúvida, uma forma de poder e, em razão disso, Emma reconhece os talentos da amiga, mas não a ponto de incluí-la em seu círculo como igual. A partir do Capítulo 43, fica evidente que os afetos de Emma pela Srta. Smith seguem, estritamente, os critérios sociais do início do século XIX na Inglaterra. O leitor pode ser levado a pensar que Emma possui alguma empatia ou respeito por ela. No entanto, cumpre ressaltar, uma vez mais, que o texto faz um recorte de época, e os movimentos de exclusão são sutis e talvez imperceptíveis entre vítimas e algozes desse conceito de sociedade pautada pela nobreza das relações e das posses.

Retornando a cronologia da narrativa, após esse episódio, Emma discute o caso com um de seus amigos: o nobre senhor John Knightley, que, além de amigo, é dos homens ricos e de boas relações em Highbury. O irmão dele, o também cavalheiro e nobre George Knightley, é casado com a irmã de Emma, a Sra. Isabella Knightley. O personagem exerce papel fundamental na trama e surge, não raro, como a bússola moral da protagonista. Como conselheiro, Knightley age para proteger Emma e impedir que seus impulsos terminem por manchar seu *status* e posição na sociedade local. Booth (1980 p. 268) afirma que “toda e qualquer afirmação de valor, toda e qualquer acusação do erro é, em si, uma ação de enredo”.

As palavras de Booth (1980) remetem ao comportamento de Emma, mas aqui são empregadas também para fazer

referência aos índices sobre a afeição que une Knightley e Emma, pois, mesmo quando a crítica, o leitor sabe que ele ainda a admira, pois disso foi comunicado desde o princípio da narrativa (CASTRO, 2011, p. 16).

A forma como o Sr. Knightley se posiciona diante das atitudes de Emma reforça seu papel de manter o tecido social intacto. Além do romance entre ambos, que acaba por se revelar no final do livro, o cavalheiro age para impedir que a bolha social seja rompida. A entrada de novos membros não pode ser um mero capricho. O passado da Srta. Smith é algo que a impede de penetrar nos círculos sociais elevados de Highbury, e Knightley sabe que, se Emma patrocinar a entrada da jovem naquele meio, acabaria, por fim, depondo contra a imagem de Emma.

Ela é filha ilegítima de Deus sabe quem, provavelmente sem recursos financeiros, e certamente sem nenhum tipo de relação respeitável. Ela é conhecida apenas por morar em um internato. Não é uma moça sensível, não tem cultura. Não lhe foi ensinado nada que tenha serventia, além disso, é muito jovem e simples para exigir algo para si mesma (AUSTEN, 2011, p. 82).

O conselho apresentando por ele é uma demonstração clara de como os membros da alta sociedade pautavam suas relações. Embora Knightley considere Harriet inferior a Robert Martin, ele e Emma concordam em um aspecto, implícito na obra: determinados indivíduos não podem ser considerados iguais, se não forem abastados. Esta é uma leitura aprofundada de como eram pautadas as relações sociais na Inglaterra nos primeiros anos do século XIX. Jane Austen retrata “o período da sociedade rural georgiana, que antecede as mudanças advindas com a chegada da modernidade” (NASCIMENTO, 2012, p. 3).

Emma, por um capricho, queria manter a amiga por perto; Knightley se prova conservador e busca preservar as ditas boas relações. O que há de transgressor no comportamento da protagonista é a sua suposta autonomia. Logo nas primeiras páginas, é manifestado o posicionamento dela sobre o casamento. Mesmo que Emma não se sujeite a casar e esteja em posição privilegiada de poder fazê-lo, os motivos que a impedem de iniciar o matrimônio partem da vontade de um homem, o pai, Sr. Woodhouse.

Os movimentos de exclusão são reforçados ao longo de toda narrativa. Após o desfecho da história de Emma, Harriet e Martin, dois novos personagens são apresentados ao leitor: Jane Fairfax e Frank Churchill. Jane é conhecida em Highbury, pois nasceu e foi criada no condado. Churchill, por sua vez, é forasteiro, mas com raízes naquela comunidade, pois é filho do Sr. Weston. A trama nos revela que ambos estão, secretamente, noivos. Entretanto, a condição da jovem Jane é o fator de maior relevância. Ela representa tudo que uma mulher daquele tempo e sociedade precisava ser: tocava piano, era muito educada e culta. Entretanto, a família da Srta. Fairfax possui certa nobreza, mas é pobre e – detalhe importante – não tem nenhum homem que a represente vivo. Portanto, o futuro de Jane é incerto e ela pode ter que trabalhar, o que representava

um desastre para a burguesia, que vivia apenas de seus rendimentos (heranças e locações de imóveis).

No século XIX, houve a disseminação da ideologia da Rainha do Lar. A maioria das mulheres era vista apenas como reprodutoras, e se elas almejassem trabalhar, o emprego feminino só poderia ser o de professora, de governanta, e enfermeira (atividades maternas). Arelada a essa ideologia também estava às questões do desejo (que deveria ser reprimido) e o decoro como desejável as mulheres da classe burguesa (NASCIMENTO, 2012 *apud* SANTOS, 2014, p. 17).

Emma, mais uma vez, se coloca em um triângulo amoroso, ainda que não intencionalmente. A protagonista, depois de um breve convívio com o jovem Churchill, demonstra afeto por ele, mas esse sentimento logo é deixado de lado. Entretanto, a visita do filho do Sr. Weston provoca *frisson* na pacata comunidade. Nesse particular também há diversos aspectos sutis de opressão que podem ser notados pelo leitor. Todos os membros da alta sociedade do condado de Highbury não trabalham, apenas vivem de suas rendas. A falta de atividade resulta, obviamente, em apatia e tédio. Churchill, que vive nos altos círculos de Londres com uma tia abastada, decide animar a todos promovendo um baile, que, num primeiro momento, não se realiza. O aspecto mais interessante desse arco da obra de Austen é o modo como o tema é tratado. A realização de um pequeno baile ganha tamanha proporção que mais parece um evento histórico, em que o menor erro, como uma corrente de ar indesejada, significava o horror daquela comunidade.

Festas, reuniões musicais e bailes eram constantes na época, desenhavam a vida social. Uma vez que as moças eram educadas com base na visão masculina de uma estrutura patriarcal, como o objetivo de agradar aos homens e conseguir bons casamentos, a aparência era fator primordial: as moças deviam estar sempre impecáveis, femininas e delicadas (CHIEREGATIL, 2013 *apud* SANTOS, 2014, p. 27).

Na metade do romance, o baile finalmente é realizado. O evento se transforma em um espetáculo de apresentações e pequenos conflitos. Frank Churchill havia retornado de Londres e anuncia sua permanência em Highbury por um longo período. É nessa fase que o relacionamento dele com Jane Fairfax é abalado, e a jovem recebe uma oportunidade de trabalho. Todos lamentam o destino da jovem, mas compreendem que aquela seria a melhor decisão, já que não possuía um pretendente nem mesmo uma perspectiva de futuro. Emma não sabe se gosta ou não da Sra. Fairfax. Há momentos em que ela se compadece e há outros em que ridiculariza a situação. Mais uma vez, o Sr. Knightley é o fiel da balança e tenta corrigir a postura inadequada de Emma. Knightley sabe que, apesar dos infortúnios, Jane ainda possui nobreza e não merece um mundo de

incertezas e trabalho. Ele tenta chamar a atenção de Emma para esse fato. Nesse arco, ele segue agindo como um conservador, ou seja, preservando a ordem existente na comunidade e protegendo seus membros, ainda que alguns deles estejam em maus lençóis, como o caso da senhorita Fairfax.

A razão pela qual ela não gosta de Jane Fairfax era uma pergunta difícil de se responder. O Sr. Knightley uma vez lhe dissera que o motivo seria porque Emma percebia quanto Jane era uma moça talentosa, assim como ela mesma desejava ser reconhecida; e, embora a acusação tenha sido refutada, em alguns momentos refletia que sua consciência não estava completamente certa daquilo (AUSTEN, 2012, p. 205).

A relação que Emma tem com as demais mulheres de sua comunidade também revela outra face dos movimentos de opressão presentes na obra. A personagem está em posição superior, pois é rica e pode escolher seu próprio destino, inclusive pode escolher não se casar. “E é a pobreza que torna o celibato desprezível! Uma mulher solteira, sem renda, seria uma velha criada, ridícula e desagradável!” (AUSTEN, 2012, p. 205). Emma representa perfeitamente uma mulher em condição de poder no início século XIX. Embora não seja totalmente livre para escolher e receber a educação que almeja, a heroína se coloca – com evidente orgulho – em posição superior. O que ela, e provavelmente a esmagadora maioria das mulheres ricas daquela sociedade, não percebia é que suas escolhas estavam atreladas a um homem. Emma nega o casamento por medo de contrariar o pai, o sr. Woodhouse, que seria obrigado a conviver apenas com os criados da casa.

Entretanto, objeto de análise deste artigo não é o feminismo presente na obra de Jane Austen. Os pontos mais relevantes são os aspectos sutis de opressão vivenciadas pelos personagens pobres e sem sangue nobre. A crítica à condição feminina de inferioridade, sempre presente nas obras de Austen, representa uma dessas várias formas de opressão e exclusão. Isso porque uma mulher sem renda se equipara a um trabalhador, ou seja, alguém indigno de participar da sociedade. Basta trazer a memória o caso de Robert Martin, o fazendeiro que pleiteia se casar com a Srta. Smith. Os aspectos transgressores da obra, talvez, se manifestem na coragem da autora em retratar aquela sociedade de maneira irônica, nas sutilezas.

Jane Austen utiliza intensamente esse elemento na obra. É sabido que a mesma escreveu *Emma* para criticar – elemento bastante perspicaz que a ironia pode trazer – não só a sociedade, mas também o príncipe regente da época que vivia uma vida boêmia, que ela não aprovava (SANTOS, 2014, p. 33).

A obra pode ser lida como uma crítica à sociedade, mas também, como é de se esperar, carrega valores e preceitos da mesma época. Emma é a representação direta dos valores criticados e dos valores preservados, assim como o senhor Knightley. É difícil

afirmar se a visão que os personagens têm da obra seja a mesma da autora. No entanto, algumas passagens demonstram que a classe trabalhadora não merece atenção, ou é, simplesmente, descartável, menos útil que os cavalos, por exemplo.

Há um trecho da narrativa em que o Sr. Woodhouse manifesta sua preocupação com os cavalos. Os animais, segundo o trecho abaixo, parecem ocupar mais a atenção ocupar mais a atenção dos personagens do que os próprios criados. Fica a ideia de que os lacaios não são iguais aos patrões, nobres. Já os cavalos, que também não são comparáveis aos seus proprietários, são, em alguma medida, superiores aos serviçais. Do contrário, eles não apareceriam em primeiro plano nas falas do Sr. Woodhouse. O pai de Emma, em nenhum outro momento da obra, denota a mesma preocupação com James, o cocheiro.

– Oh! – interrompeu Emma – Haverá tempo de sobra para falarmos sobre outras coisas. Não é preciso ter pressa. Se decidirmos pela hospedaria, papai, seria muito conveniente para os cavalos. Eles ficarão bem próximos de suas cocheiras.

– Com certeza, minha querida. Isso será um grande arranjo. Não que James tenha reclamado alguma vez, mas é correto pouparmos nossos cavalos a qualquer custo. Se eu tivesse a certeza de que a cocheira é arejada... mas... A Sra. Stokes é confiável? Tenho minhas dúvidas! Não a conheço muito bem, apenas de vista (AUSTEN, 2012, p. 309).

Outras manifestações de afastamento de grupos sociais surgem ao longo de toda a obra. Para o leitor, a sutileza dessa opressão é perceptível, embora, em muitos casos, possa passar despercebida. Jane Austen cumpriu sua promessa quando afirmou que criaria uma heroína a qual ninguém, além dela, iria gostar. O leitor é levado a não gostar de Emma e a considerá-la geniosa. E essa sensação permanece até o final da obra.

Emma vivencia episódios que a conduzem para um casamento – vantajoso, por sinal – com o senhor Knightley. Esta é a união mais óbvia de todo o enredo. Afinal, ambos são tão intimamente ligados pela tradição e pelos bons costumes que são perfeitos um para o outro. A narrativa sugere uma trajetória de amadurecimento. Entretanto, esse aspecto é questionável, pois Emma agiu em vontade própria e, mais uma vez, brincou com os sentimentos da Srta. Smith, que julgava receber afetos do nobre cavalheiro. Emma se mostra irritada com a postura da amiga e decide afastá-la. O motivo da ira de Emma é a ousadia de Harriet se considerar digna de pleitear (note-se: não conquistar, apenas pleitear) os afetos de Knightley. A postura de Emma é em defesa da própria classe e do próprio círculo social. Pensando nisso – e também por estar apaixonada –, ela decide aceitar o pedido de casamento. O Sr. Woodhouse leva certo tempo para se convencer do matrimônio, mas concorda com a união.

A trama se encerra com cada personagem em seu devido lugar na sociedade. Emma se casa com o cavalheiro mais nobre da região – uma mulher nobre para um homem nobre. A Srta. Smith, o que não seria surpresa, rende-se ao fazendeiro Robert Martin. Jane Fairfax e Frank Churchill revelam o noivado e finalmente se unem. Ao

longo da narrativa, espera-se um desfecho diferente em razão das inúmeras reviravoltas ao longo do texto. Embora haja tom de crítica, Austen mantém o romance dentro do que é esperado, ou seja, nada de novo debaixo do sol da Inglaterra do início do século XIX, período em que se passa a narrativa.

Os movimentos de opressão, embora sutis, mantêm cada personagem em seu devido lugar. Talvez seja até exagerado julgar que a história de Emma termine com resignação e arrependimento, uma vez que, ao final do livro, ela demonstre compaixão por Harriet e até se sinta culpada por suas atitudes manipuladoras e mesquinhas. A autora afirmou que ninguém, além dela própria, gostaria da personagem por não manifestar nada de extraordinário.

Emma é um ótimo exemplo de como a literatura é capaz de demonstrar a sutileza da opressão e da exclusão das classes sociais. Mesmo correndo o risco de anacronismo, é evidente que o livro ainda carrega consigo resquícios de variadas formas de opressão e exclusão. Apesar disso, a autora retrata a sociedade inglesa do início século XIX exatamente como ela é: mesquinha, interesseira e opressora. Nenhum de seus membros é capaz de algo genuinamente nobre, e o texto de Jane Austen deixa esse aspecto bem claro.

REFERÊNCIAS

AUSTEN, Jane. **Emma**. Trad. Adriana Sales Zardini. São Paulo: Martin Claret, 2012.

BOOTH, Wayne C. **A retórica da ficção**. Trad. Maria Teresa H. Guerreiro. Campo de Santa Clara, Lisboa-Portugal: Arcádia, 1980.

BOTTON, Alain de. **Desejo de status**. Trad. Ryta Vinagre. Porto Alegre, RS: L&PM, 2004.

CASTRO, Fabiana Souza Valadão de. As relações sociais em *Emma*, de Jane Austen. **Revista Ícone**, Goiás, v. 8, jul. 2011.

CHIEREGATTI, A. **Leituras da paratopia criadora de Jane Austen: uma oitocentista contemporânea**. Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) – Curso de Letras da Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2014.

MIGLIOLI, Jorge. Dominação burguesa nas sociedades modernas. **Crítica Marxista**, São Paulo, 9 nov. 2010.

NASCIMENTO, S. M. do. Uma leitura política dos casamentos no romance *Orgulho e Preconceito* (1813), de Jane Austen, **Linguagem**, São Carlos, v. 19, n. 1, 2012.

SANTOS, Gilayne Ferreira dos. **Emma: uma leitura sobre a ironia e o feminismo**. Paraíba. Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) do curso de Letras – Universidade Estadual da Paraíba, Guarabira, 2014.

TODOROV, Tzvetan. **As estruturas narrativas**. Trad. Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Perspectiva, 2008.